

A ONU Mulheres estima que, nos últimos 12 meses, mais de 250 milhões de mulheres e adolescentes de 15 a 49 anos foram submetidas a violência sexual e/ou física por algum parceiro íntimo. Como resultado do isolamento imposto para impedir a disseminação da COVID-19, dados mostram que esse tipo de violência se intensificou.

Na França, por exemplo, os relatos de violência doméstica aumentaram 30% desde o início do isolamento no dia 17 de março. Na Argentina, as ligações de emergência com relatos de violência doméstica aumentaram 25% desde o início do confinamento, no dia 20 de março. Outros países também relataram aumentos nos números.

Recentemente, a rede social russa Odnoklassniki, também conhecida como OK, organizou uma transmissão on-line para que especialistas e interessados no tema pudessem discutir como sobreviver ao isolamento e evitar conflitos familiares e violência de gênero. A transmissão foi vista por 1,7 milhão de usuários da rede OK no leste da Europa e na Ásia central.

A transmissão foi parte de uma iniciativa conjunta do escritório regional do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS) para a Europa Oriental e Ásia Central, o Instituto de Tecnologias de Informação para a Educação da UNESCO e a rede social OK, em parceria com a ONU Mulheres.

A representante da ONU Mulheres na Ásia Central, Ulzsuren Jamstran, que mora no Quirguistão, afirmou que, segundo o governo, o nível de violência doméstica aumentou em 65%. “Vemos um aumento na agressão contra mulheres e crianças no Quirguistão e um aumento no número de suicídios entre criança, até mesmo em crianças pequenas”.

A psicóloga russa, Lyudmila Petranovskaya, explicou como o isolamento fez com que os bons relacionamentos se tornassem ainda melhores e os relacionamentos problemáticos se tornassem mais problemáticos. Ela enfatizou que as pessoas precisam estar cientes das opções caso sejam mantidas em isolamento com um agressor. “As pessoas precisam procurar contatos, uma linha direta, ligar para amigos, tentar encontrar outro lugar para sobreviver ao isolamento. Ficar com o agressor é perigoso. Essa ameaça é mais grave que o coronavírus”.

Segundo a chefe adjunta do conselho da Rede Eurasiana de Mulheres sobre AIDS, Julia Godunova, alguns estudos no leste Europeu e na Ásia central mostram que mais de 70% das

mulheres que sobrevivem à violência não procuram ajuda por causa da vergonha.

Já a fundadora da organização não governamental #DontBeSilent (#NãoFiqueCalada, em tradução livre ao português), Dina Smailova, incentiva que as mulheres não se calem.

“Quando nos calamos, permitimos que esses crimes se multipliquem. Nosso movimento está se expandindo, estamos ativas não apenas no Cazaquistão, mas também em outros países da Ásia central e além”.

Fonte: ONU

Foto: AGEKOM/Ronaldo Silva